



Teatro do oprimido e outras poéticas políticas, Augusto Boal

Maurício Silva¹

Resumo

Resenha do livro Teatro do oprimido e outras poéticas políticas, de Augusto Boal, publicado em 2013 pela editora Cosac Naify.

Palavras-chave: Teatro, Augusto Boal.

Teatro del oprimido y otras poeticas políticas, Augusto Boal

Resumen

Reseña del libro Teatro do oprimido e outras poéticas políticas, de Augusto Boal, publicado en el 2013 por el editorial Cosac Naify.

Palabras clave: Teatro, Augusto Boal.

Theater of the oppressed and other political poetics

Summary

Review of the book Theater of the oppressed and other political poetics, by Augusto Boal, published in 2013 by the publisher Cosac Naify.

Keywords: Theater, Augusto Boal.

Natural do Rio de Janeiro, o dramaturgo e diretor de teatro Augusto Boal foi também um ensaísta exímio, tendo fundado – e teorizado sobre – o Teatro do Oprimido, inserindo na ação dramática, de modo seminal, a ação social e fazendo do próprio teatro um instrumento libertário.

Reunindo ensaios escritos a partir de 1962 e publicados, sob a forma de livro, em 1973, o livro parte do pressuposto de que “todo teatro é necessariamente político” (p. 13), uma vez que toda atividade humana é política. Nesse sentido, o autor defende que “o teatro é uma arma”, sendo constantemente objeto de tentativa de apropriação por parte das classes

¹ Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Nove de Julho (São Paulo).

dominantes, modificando sua natureza. Contudo, enquanto *arma de libertação*, o teatro requer constante transformação, que se dá por meio da “conquista dos meios de produção teatral” (p. 14), fundamento da Poética do Oprimido.

O autor retoma, nesse contexto, a trajetória do método do Teatro do Oprimido, que criou nos anos 70, destacando sua diversidade de técnicas e aplicações, sempre voltadas ao “apoio decidido do teatro às lutas dos oprimidos” (p. 15). Em sua base encontra-se, entre outras coisas, a necessidade de conhecer as próprias opressões, bem como as alheias, donde advém o fato de que “a *solidariedade* entre semelhantes é parte medular do Teatro do Oprimido” (p. 16).

Boal elenca um conjunto de técnicas (que chama de *formas teatrais*) vinculadas ao Teatro do Oprimido, como o Teatro Imagem, o Teatro Jornal, o Arco-Íris do Desejo, o Teatro Fórum, o Teatro Invisível, as Ações Diretas e o Teatro Legislativo, todas elas vinculadas ao princípio de que “o espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não um momento de equilíbrio e repouso” (p. 18). Com forte base teórica no marxismo (que é citado mais de uma vez), ele afirma: “O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos” (p. 18).

Para o autor, ainda, oprimidos e opressores não existem em forma pura (há oprimidos que são opressores e há opressores que são oprimidos), cada um possuindo livre-arbítrio para escolher – dentro de determinadas conjunturas sociais e históricas – suas próprias ações; o objetivo do Teatro do Oprimido, em conjunção com essa perspectiva, é trabalhar em direção a uma “sociedade sem opressão” (p. 22), buscando, portanto, “humanizar a humanidade” (p. 22). Por isso, completa, fazer uma opção pelo Teatro do Oprimido já é uma escolha ética (além de uma “opção filosófica, política e social” (p. 23), na medida em que, ao escolhê-lo, está-se, na verdade, fazendo uma opção pelos oprimidos. Trata-se, em última instância, de uma *ação* efetiva, num mundo dominado pelo Mercado; trata-se de tomar partido em prol de uma *luta*, o que faz do Teatro do Oprimido um “teatro DOS oprimidos, PARA os oprimidos, SOBRE os oprimidos e PELOS oprimidos” (p. 26).

Em três longos ensaios o autor estuda o teatro de Aristóteles e seu sistema trágico coercitivo (p. 29-70); a comédia *A mandrágora*, de Maquiavel, revelando as transformações por que passou o teatro sob o comando burguês (p. 71-96); e a poética marxista de Brecht (p. 97-120).

A partir dessa exposição, Boal estende-se em considerações sobre a Poética do Oprimido, em que tenta revelar alguns caminhos por meio dos quais o povo reassume a função do protagonismo no teatro e na sociedade, papel que lhe foi suprimido com a assunção do teatro

pelas classes dominantes. Para tanto, defende um dos princípios fundamentais da Poética do Oprimido: transformar o povo – que para as classes dominantes deveria se ater ao papel de espectador – “em sujeito, em ator, em transformador da ação dramática” (p. 123). Ao contrário de Aristóteles (em que os espectadores delegam poderes aos personagens para que atuem e pensem em seu lugar, resultando numa catarse) e de Brecht (em que os espectadores delegam poderes aos personagens somente para que atuem em seu lugar, resultando numa conscientização), a Poética do Oprimido propõe que os espectadores não deleguem poder algum aos personagens, eles mesmo atuando e pensando, ou seja, assumindo o papel de protagonista e transformando a ação dramática inicialmente proposta. A rigor, contudo, o autor rejeita, já de início, o termo “espectador”, que sugere passividade, lembrando que “todas [as] experiências do teatro popular perseguem o mesmo objetivo: a libertação do espectador, sobre quem o teatro se habituou a impor visões acabadas do mundo” (p. 163). Por isso, sem ser a poética da opressão (como em Aristóteles) e sem ser a poética da conscientização (como em Brecht), “a Poética do Oprimido é essencialmente uma Poética da Libertação: o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera: pensa e age por si mesmo! *Teatro é ação!*” (p. 163).

Referência

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo, Cosac Naify, 2013.